

Pirandello, José Cardoso Pires (capítulo de uma tese sobre o romance “O Delfim”), Tennessee Williams, Jane Austen, Rafael Alberti etc. Revista poliglota, com artigos publicados também em espanhol, inglês e alemão, figuram como colaboradores deste número (último ?): Oswaldo Arns, Ocyron Cunha, Adelaide M. Villa, Luigi Castagnola, Juril do Nascimento Campelo, Reinaldo Bossmann, Sigrid Renaux, Brunhilde Reichmann Lemos, Carlos Alberto Faraco, José Luiz Mercer, Zília Mara Scapari Schmidt, Michael Alan Watkins, Leonilda Ambrósio, Carlina Massi Albanese, Miguelina Soifer e Cecília Teixeira de Oliveira Zokner. Responsáveis pela revista: Professores Reinaldo Bossmann e Cleusa César de Paula, a quem tributamos nossos cumprimentos pela excelência da publicação, criada há quase trinta anos por Rosário Mansur Guérios, e que se destina, segundo as palavras de apresentação do número inicial, “não apenas a perpetuar a messe de fúlgidas inteligências, ao intercâmbio de pensamento sempre valioso para as melhores conquistas do saber, mas também à guarda do idioma nacional, como instrumento mantenedor de nossas tradições”. Endereço para os eventuais interessados: Rua General Carneiro, 460, 11º andar, em Curitiba, Paraná. ONM

*

* *

NECROLÓGIO

Odilon Nogueira de Matos

JOÃO AMENDOLA

Livrinho que conservo com muito carinho em minha biblioteca é uma edição liliputiana de **Os Lusíadas**, publicada pelos velhos editores Schmidt e Guenther, de Leipzig, Alemanha. Mas o que me leva a estimar deveras esse minúsculo volume não é tanto a obra imortal que ele encerra, pois dela tenho edições melhores. O que para mim o valoriza extremamente é uma pequena etiqueta colada no verso de uma das capas e na qual se lê “Livreria João Amendola”. Tenho-o há mais de cinquenta anos. A pequena etiqueta associada ao maior livro da língua portuguesa sempre me fez recordar o papel que representou na vida campineira aquela livreria então situada à Rua General Osório, e na qual todos nós, meninos de escola da época, compramos nossos primeiros livros. Por muito tempo

conservei, entre outros, o **Narizinho Arrebitado**, de Monteiro Lobato, uma adaptação feita também por Lobato das aventuras de Hans Staden no Brasil quinhentista e as aventuras do mentirosíssimo Barão de Munchhausen, de um autor alemão, Burger, se a memória não me falha. E mais tarde, quando já podia ler livros de outra natureza, ali no velho Amendola fui buscar minhas primeiras leituras.

É uma pena não possamos conservar por toda a nossa vida os livros em que aprendemos a ler ou os primeiros que lemos. Vão naturalmente desaparecendo com o tempo. Gostaria de os ter conservado, quando nada por os ter mostrado ao querido João Amendola, que há pouco nos deixou, depois de prolongada enfermidade, para que ele visse quanto lhe fiquei devendo em minha formação de adolescente. Mas se não os mostrei, sobre eles falei com frequência naqueles “papos” descontraídos em que nos comprazíamos quando nos encontrávamos na livraria do Azael. Sua conversa era agradável, culta, deixando transparecer bela cultura humanística, que revelava a todo o instante no trato não só dos autores antigos (especialmente os da literatura italiana), como dos modernos, que, embora não os apreciasse muito, não os ignorava.

Duas ou três vezes tive oportunidade de transcrever nas páginas desta revista artigos de sua lavra, publicados originalmente na imprensa diária. Tinha o bom amigo verdadeira ojeriza pelas más traduções. Num dos nossos últimos encontros, a conversa versou exatamente sobre verdadeiro atentado cometido em recente tradução de **I Promessi Sposi**, de Manzoni.

Sua livraria marcou época na vida da cidade. Se pensarmos um pouco, não será difícil recordar o quanto quanta gente ficou a dever ao bom livreiro, que até auxílios materiais prestava aos estudantes menos favorecidos. Mas Amendola não era só livreiro. Era também excelente escritor, tendo deixado, além de um livro de viagens, o melhor dicionário italiano-português que já se publicou no País, e ainda algumas traduções, entre as quais uma, verdadeiramente magistral, do famoso e humaníssimo livro de Amicis, tão lido em minha adolescência, e que ainda se reedita.

GEORGES RAEDERS

Em meados de outubro do ano passado, faleceu na capital paulista uma das mais expressivas figuras da vida cultural de São Paulo e do Brasil: o Professor Georges Raeders, nome bastante vinculado a esta cidade, pois fez parte do grupo inicial de professores convidados pelo saudoso Monsenhor Salim para fundar em Campinas uma Faculdade de Filosofia, que foi, como todos sabem, o núcleo de nossa hoje grandiosa Pontifícia Universidade Católica. Muitos e muitos anos — creio que mais de quinze — Georges Raeders, embora residindo em São Paulo, colaborou

ativamente com nossa Universidade. Guardo excelente recordação do convívio com o grande mestre, pois, por uma feliz coincidência, nossos dias de aulas eram os mesmos. Tive-o por companheiro não só nos trabalhos universitários, mas nas viagens que semanalmente empreendíamos e ainda nos momentos de lazer, especialmente à hora das refeições, quando todos nós, professores, nos beneficiávamos de sua agradabilíssima conversa, alicerçada sempre em sólido saber.

Era professor de Literatura Francesa, mas seus interesses culturais eram os mais variados, tendo-se dedicado, inclusive, à pesquisa histórica, produzindo alguns livros do mais alto interesse para o estudo das relações culturais entre o Brasil e a França, sua pátria. Muito escreveu em revistas brasileiras e francesas e, nestas, teve sempre a preocupação de divulgar em seu país os autores brasileiros. Do que publicou em livro, recordo **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (editado na prestigiosa coleção “Brasília”), **D. Pedro II e os sábios franceses**, a utilíssima **Bibliographie Franco-Bresilienne** (publicada pelo Instituto Nacional do Livro) e, mais recente, **O Conde de Gobineau no Brasil**, publicado pela Secretaria de Cultura do Estado e que constituiu originalmente a tese com que obteve o grau de Doutor na Universidade de Paris e fora publicada primeiramente em francês pelas Nouvelles Editions Latines, em 1934.

Da última vez em que nos encontramos — há quase dez anos — contou-me Raeders que estava preparando um livro sobre o Brasil, nos moldes da conhecida coleção francesa **La Vie Quotidienne**. Esta coleção, preciosa sob todos os aspectos, e que já conta quase uma centena de volumes, apresenta-nos a “vida quotidiana” em tudo quanto é lugar e nos mais variados momentos, mas nela nada existe sobre o nosso País. Nela, como se diz, o Brasil brilha pela ausência. O livro que Raeders tinha em mente escrever (ou talvez já estivesse escrevendo) chamar-se-ia **A vida quotidiana no Brasil de D. Pedro II** e viria preencher a sensível lacuna na valiosa coleção. Teria o mestre chegado a escrevê-lo ?

Muito interessado em teatro (como bom professor de Literatura), a mais antiga lembrança que dele guardo prende-se ao grupo de teatro que lá por 1939 ou 40, fundou na Universidade de São Paulo e que se manteve por algum tempo graças exclusivamente à sua dedicação, que o levava a arcar praticamente com todas as despesas, desde a roupa dos atores até a encenação das peças.

Lamento que as contingências da vida não me propiciassem um maior relacionamento com o grande professor. Mas não me sentiria tranqüilo se não lhe celebrasse a memória ainda que por intermédio desta modestíssima nota.

*

* *